



**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA  
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA**

**NEILA CARLA DE JESUS DOS SANTOS**

**O APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA MEDIAL EM FALANTES  
AMARGOSENSES**

Amargosa

2017

**NEILA CARLA DE JESUS DOS SANTOS**

**O APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA MEDIAL EM FALANTES  
AMARGOSENSES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/LIBRAS/Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e em LIBRAS.

Orientador: Prof. Dr. Gredson dos Santos.

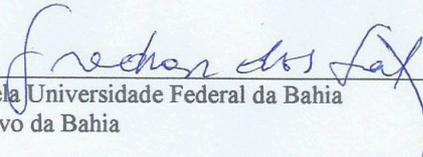
Amargosa  
2017

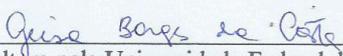
NEILA CARLA DE JESUS DOS SANTOS

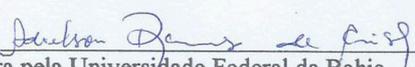
O APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA MEDIAL EM  
FALANTES AMARGOSENSES

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciada em Letras: Língua Portuguesa/LIBRAS/Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovação em: Amargosa-BA 29 de setembro de 2017.

Gredson dos Santos- Orientador   
Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Geisa Borges da Costa   
Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Adielson Ramos de Cristo   
Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

A

Juninho, meu filho amado, razão pela qual eu preciso continuar respirando

## AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra e toda glória.

À minha família: obrigada.

Aos meus amigos que a graduação me presenteou. Simone e Eliene, nossas noites em claro compartilhando inquietações, conhecimentos e sorrisos jamais serão esquecidas. Palavras não serão suficientes para agradecer o companheirismo, o incentivo e a amizade que vocês disponibilizaram à minha pessoa. Manuela, minha anja, obrigada por estar sempre presente. Rosana, Filipe e Laura, vocês estarão guardados para sempre em meu coração.

Ao meu orientador, Gredson dos Santos, obrigada pelo carinho, paciência e dedicação.

Aos professores que ao longo do caminho se tornaram amigos: Fernanda Maria, Geisa Borges, Adielson de Cristo e Ângela Vilma, obrigada pela preocupação e acolhimento em um dos momentos mais difíceis que vivi durante essa graduação. Além disso, obrigado por me auxiliarem em meu crescimento como ser humano e profissional.

A meu Príncipe Yann e família, obrigada pelo carinho, incentivo e principalmente por me acolherem como se de sua família fosse.

A Zene: muito obrigada pelo seu carinho (do seu jeito bem particular) e por sua preocupação.

A Marzinho Bitencourt e Gabriela Samille, que, com compreensão e zelo, me permitiram continuar estudando dando-me o direito de adequar a escala de trabalho aos horários de aula.

Aos informantes, muito obrigada por me receberem em suas casas e se disponibilizarem a contribuir com minha pesquisa concedendo-me as entrevistas.

Enfim, muito obrigada a todos que direta ou indiretamente me possibilitaram vivenciar essa experiência enriquecedora.

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso intitulado *O apagamento do rótico em coda medial em falantes amargosenses* foi o resultado de uma pesquisa de cunho sociolinguístico que teve por objetivo analisar o apagamento do rótico em interior de vocábulos na fala. O *corpus* foi constituído por entrevistas semi dirigidas com 8 informantes, divididos igualmente em duas faixas etárias (faixa 1: de 20 a 45 anos; faixa 2: acima de 45 anos) e dois níveis de escolaridade (até a 4ª série do Ensino Fundamental e com nível superior completo), todos moradores nativos da cidade de Amargosa-BA. Para cada grupo foram selecionados 4 indivíduos, 2 homens e 2 mulheres. Buscou-se observar principalmente se o nível de escolaridade interferiria no apagamento do rótico nos vocábulos proferidos. Os dados foram analisados pelo *software* GOLDVARB X, que foi desenvolvido para a realização de análise linguística. Após as rodadas o programa selecionou as variáveis que condicionavam o apagamento e estas foram analisadas. Os resultados oferecidos pelo programa sinalizaram que a hipótese que norteou o trabalho era pertinente, que a escolarização não interfere na produção de tal fenômeno no contexto interno dos vocábulos.

Palavras-chave: Apagamento do rótico. Língua falada. Coda medial. .

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Não apagamento X Manutenção .....	44
Tabela 2-Apagamento do R em coda medial na fala segundo a extensão das palavras.....	45
Tabela 3-Apagamento de R em coda medial na fala segundo o contexto seguinte .....	47
Tabela 4-Apagamento do R em coda medial na fala segundo o contexto antecedente.....	48
Tabela 5- Apagamento de R em coda medial segundo a classe das palavras.....	49

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	11
2.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS .....	11
2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	14
2.3 VARIAÇÃO FONÉTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	20
3 O APAGAMENTO DO RÓTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	24
3.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE O RÓTICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL .....	27
4- METODOLOGIA.....	34
4.1- A LOCALIDADE.....	34
4.2 A ENTRADA EM CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
4.3 A AMOSTRA X INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	36
4.4 AS VARIÁVEIS EM ESTUDO.....	37
4.5 VARIÁVEIS INDEPENDENTES .....	37
4.5.1 Linguísticas.....	38
4.5.2. Extralinguísticas .....	39
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	41
5.1 FATORES SELECIONADOS PELO PROGRAMA GOLDVARB X .....	42
5.1.1 Extensão do vocábulo.....	42
5.1.2 Consoante seguinte.....	43
5.1.3 Vogal antecedente.....	45
5.1.4 Classe de palavras.....	46
5.2 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO PROGRAMA GOLDVARB X.....	47
REFERÊNCIAS.....	51

## 1 INTRODUÇÃO

A análise da língua falada possibilitou a linguística abrir caminho para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas. Tais estudos têm como foco a língua em uso e suas variações e procuram explicar em quais contextos estas variações acontecem e quais fatores as condicionam. “Os estudos linguísticos mostram que conceber a língua como um sistema homogêneo é uma utopia, pois, em sendo esta uma ferramenta de interação social, seu aspecto multifacetado reflete a diversidade das relações humanas” (RIBEIRO, 2013 p.16).

Costa (2010) afirma que a diversidade de uso da língua não impede que os indivíduos se comuniquem, entendam-se e se façam entender nos diferentes contextos sociais, pois ainda que a variabilidade social possa resultar em variações linguísticas essas nunca afetam o sistema linguístico como um todo. A variação é um fato inevitável nas línguas humanas devido a, entre outras coisas, uma gama de realizações que esta nos permite. Contudo, essa heterogeneidade não impede a comunicação entre os indivíduos.

Os estudos sociolinguísticos nos permitiram ter um panorama sobre as línguas e os caminhos percorridos para uma mudança ou conservação linguística. O universo dos estudos sociolinguísticos especificamente as pesquisas sobre os apagamentos na língua falada no Brasil, o português brasileiro (PB), já soma muitas décadas.

Alguns estudos têm atestado, no PB, uma série de variações em final de sílaba. O apagamento do /R/ tanto no final quanto no interior dos vocábulos é uma dessas. O apagamento rótico é, como define Callou (2015), o cancelamento do /R/ em final de sílaba, seja no final do vocábulo ou em sua estrutura interna. Assim sendo, este trabalho visa indagar que ou quais fenômenos determinam o apagamento do rótico na fala dos moradores da cidade de Amargosa-BA.

Desse modo, este estudo, assim como diversas pesquisas sociolinguísticas, pretende investigar a complexidade da pronúncia do /R/, uma vez que, pode ser percebido que a pronúncia do “erre” no português brasileiro contém ainda muitas questões a serem esclarecidas tanto em final de vocábulo quanto em sua estrutura interna. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar a presença do apagamento do rótico em coda medial na fala dos munícipes de Amargosa e comprovar que esse fenômeno não deve ser associado apenas ao processo da fala de pessoas desprestigiadas socialmente, como acontece quando o

falante produz um rotacismo, por exemplo, verificando os principais fatores que determinam esse apagamento.

O trabalho se baseia nos estudos de Callou; Moraes; Leite (1996), Costa (2010), Ribeiro (2013), entre outros, os quais, assim como Silva (2011), assinalam que o apagamento de consoantes ocorre tipicamente nas bordas das palavras ou em encontros consonantais. Além disso, utiliza-se também como aporte teórico as pesquisas realizadas por Araújo e Lucchesi (2017), Callou (2015), Silva (2011, 2012), Bagno (2001, 2007), Calvet (2002), Tarallo (2007), entre outros.

O trabalho partiu de três hipóteses. A primeira é que o apagamento do rótico acontece apenas em alguns contextos linguísticos bastantes específicos relacionados à consoante seguinte. A segunda prevê que se os indivíduos produzem na fala tal fenômeno, independente de sua escolaridade, gênero ou área geográfica, é provável que esse apagamento, já faça parte de forma natural da fala dos indivíduos. A terceira supõe que, em função da canonicidade silábica da nossa língua, essa supressão tenha ganhado força e isso explica porque hoje o apagamento não possui o *status* de erro na comunidade de fala investigada.

Pesquisas realizadas sobre esse fenômeno partem do princípio de que a fuga ao padrão silábico canônico do português brasileiro leva ao apagamento a fim de que essa sílaba possa atender ao padrão canônico. O contexto subsequente formado por um segmento consonântico pode ser um dos condicionantes para a existência de tal apagamento. Assim, entende-se que a canonicidade (CV) favorece essa execução, do mesmo modo a não estigmatização dos indivíduos que produzem na fala a supressão estudada.

Depois de analisados, buscou-se explicar a ocorrência dos fenômenos encontrados associando-os aos processos fonológicos da língua portuguesa.

Com o intuito de contribuir para a caracterização fonética dos róticos do português brasileiro na comunidade estudada e, conseqüentemente, colaborar para fomentar discussões no âmbito dos estudos sobre o apagamento do rótico na fala em coda medial, esta análise também poderá auxiliar os futuros pesquisadores e pessoas interessados neste tema, contribuindo para estudos futuros na área.

Desse modo, o trabalho será apresentado da seguinte maneira: na primeira seção serão abordados conceitos sobre a Variação Linguística no Português Brasileiro, abordando os estudos sociolinguísticos, a noção de variação linguística e variação fonética no português

brasileiro. Em seguida, apresenta-se as propriedades do rótico e seu apagamento no Português Brasileiro. Dando continuidade será apresentada a metodologia, a qual fará a exposição de como o trabalho foi desenvolvido. Na descrição e análise de dados serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa. Por fim, a conclusão trará as considerações finais sobre o trabalho.

## 2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Em uma língua é possível encontrar mais de uma forma para cada significado. Inevitavelmente, se falamos uma língua, falamos sobre ela e admitimos que essa língua, como afirma Coelho, et. al. (2015, p.7), “é um mecanismo para demarcar identidade(s), mostrar “bons modos” ou provocar escárnio”. A grande responsável por essa propriedade das línguas é a variação. Este capítulo tece considerações sobre os estudos sociolinguísticos, descrevendo seus objetivos e o modo como a disciplina aborda os fatores sociais e linguísticos que a determinam a variação linguística.

### 2.1 OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Na tentativa de explicar as mudanças na língua surgiu, na década de 1960, a Sociolinguística Variacionista, com o linguista William Labov, que se destacou por analisar os fatores sociais e estruturais como sendo determinantes na explicação dos fenômenos linguísticos. A Sociolinguística Variacionista é caracterizada por sua metodologia empírica: dados reais, produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, captados pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas. A coleta de dados reais, entretanto, não é tarefa fácil nem rápida para o sociolinguista. Ao dedicar-se ao “fascinante” campo da linguística, é imprescindível não estabelecer um paralelo comparativo entre uma língua e sua sociedade, pois, para que um pesquisador descreva a língua de um grupo de informantes, é importante que ele conheça como a mesma é formada, estabelecendo, assim, que o caráter heterogêneo da língua é sistemático e possível de ser descrito e analisado (cf. CALVET, 2002; TARALLOarallo, 2007).

Nesse sentido, para Labov, ([1972] 2008, p. 184 apud COAN; FREITAG, 2010, p. 174), “a Sociolinguística é a área da linguística com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área usualmente chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica”.

O PB, assim como qualquer outra é uma língua que varia, tanto por influências sociais que são os fatores intrínsecos ao meio social, os extralinguísticos, tais como idade, escolaridade, gênero (sexo) e outros, quanto por fatores próprios da língua os denominados

fatores linguísticos como classe e extensão da palavra, contextos antecedentes e subsequentes do fonema em estudo (nesse caso o /r/), assim como sonoridade, familiaridade com as palavras e outros. Desse modo, é possível perceber, através das publicações na área os pesquisadores que se dedicam a estudar a sociolinguística atuando e buscando ao mesmo tempo compreender os fatores que influenciam na variação e mudança na língua, descrevendo e divulgando as características que condicionam a variação linguística em nossa sociedade. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade. No que tange à sociolinguística, Bagno (2007, p. 38) afirma que:

o objetivo central da sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada.

Sendo assim, tanto Bagno (2010) quanto Labov ([1972] 2008, p. 184 apud COAN; FREITAG, 2010, p. 176) apontam que todos os sociolinguistas concordam no que diz respeito a produções e interpretações de um falante, visto que, estas não são o lugar primário da investigação linguística nem as unidades finais da análise, mas os componentes usados para construir modelos de nosso objeto primário de interesse, a comunidade de fala. A Sociolinguística laboviana não é uma teoria da fala, nem o estudo do uso da língua com o propósito exclusivo de descrevê-la, mas o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (langue). Pois, assim como afirma, Hora e Beserra (2005, p. 25 apud COAN; FREITAG, 2010, p. 176): “Quando pensamos num estudo da fala e escrita logo remetemos a fala ao aspecto não padrão da língua enquanto que à escrita a sua forma padrão” isso se atribui ao fato da fala ser uma produção espontânea do ser humano. Desse modo, para Bagno, a língua é um produto sociocultural, elaborada ao longo de muito tempo, pelo esforço de muita gente. Assim, defendendo sua posição, Bagno (2010, p. 36) afirma que:

O que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes polos: 1 a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez de instabilidade e 2 a norma - padrão, produto cultural modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes.

Desse modo, é inegável a influência exercida tanto pela norma-padrão na variação linguística, quanto pela variação linguística na norma-padrão. Mesmo porque, como discorre Bagno (2010), “mesmo reconhecendo que a norma-padrão é um produto cultural, uma “língua” artificial, a gente não pode reconhecer que ela existe”. Portanto, esta tem que ser levada em conta, assim como toda investigação sobre língua e sociedade.

Com isso, a sociolinguística encarrega-se de estudar a língua por uma vertente centrada na coexistência em concorrência. No que se refere a esse aspecto, Coelho et. al. (2015) afirmam que, para a sociolinguística, o fato de em uma comunidade de fala ou mesmo na fala de um membro desta coexistirem formas diferentes de empregar palavras diferentes com o mesmo significado não impedem o “bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes”. Estas, variações ao invés de comprometer o entendimento entre os indivíduos, corroboram para demonstrar “quem somos, de onde viemos e o quanto estamos inseridos na comunidade letrada, entre várias outras informações”. Enfatiza-se também o estudo dos termos iguais, mas diferenciados lexicalmente (variantes). É importante lembrar que dois ou mais requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas sejam chamadas de variantes. Segundo Coelho et. al. (2015), estas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; manter o mesmo significado referencial/representacional. Assim, no caso do que estudou nessa pesquisa, teríamos a realização de *cerveja/ceveja* como duas pronúncias diferentes, sem que o significado referencial/representacional da palavra fosse alterado. A partir dessa exposição o capítulo que segue tratará sobre a variação da língua, esta que é considerada a “espinha dorsal da Sociolinguística”.

## 2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua é a característica que nos difere dos demais seres, permitindo-nos a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor nossa opinião frente aos assuntos relacionados ao nosso cotidiano e, sobretudo, promovendo nossa inserção na sociedade, a qual tem como característica marcante ser extremamente heterogênea. Como afirma Bagno (2007, p. 35), “o que se convencionou chamar de língua nas sociedades letradas é, na verdade, um produto social, artificial, não corresponde àquilo que a língua realmente é”, visto que esse produto é elaborado ao longo da história da humanidade e nasceu dos nossos hábitos nas comunidades, fruto das nossas relações sociais.

A linguística abriu caminho para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas que têm como foco de análise a língua em uso e suas variações, as quais Coelho et al (2015, p. 16) conceituam como sendo “o processo pelo qual duas ou mais formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

Desse modo, os estudos linguísticos mostraram que conceber a língua como um sistema homogêneo é uma utopia, pois, sendo essa uma ferramenta de interação social, seu aspecto multifacetado reflete a diversidade das relações humanas. Além disso, há que se levar em consideração que a língua está em permanente processo de desconstrução e reconstrução, conforme assinala Bagno (2007), não sendo, portanto, nem homogênea nem muito menos estável.

As pesquisas que abordam a variação nos permitem pensar que uma mesma língua falada por comunidades separadas por barreiras sociais, culturais, políticas, geográficas ou com comunidade limitada entre si, tende a apresentar variações linguísticas em seus dialetos. Contudo é possível perceber que

a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes - o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneira diferente, mas sempre se entendendo perfeitamente (COELHO et al. 2015 p.16).

Conforme explica Bagno (2007), dentro de uma mesma região as pessoas formam pequenas comunidades que acabam repetir hábitos, criando comportamentos linguísticos, sendo que algumas dessas características estabelecidas podem, a princípio, não ser compreendidas por outras comunidades. Exemplo disso são os “linguajares” entre os presidiários, internautas, trabalhadores rurais ou urbanos, os políticos, etc... Porém durante os

diálogos essas diferenças podem ser perfeitamente elucidadas e o contato através de outras produções linguísticas, estabelecido. O que é importante compreender é que essas repetições não devem ser vistas como 'erro' atribuído aos grupos que a executam e sim como variações. Sobre essa heterogeneidade da língua, Bagno (2007, p. 36) afirma que:

Justamente pelo caráter heterogêneo, instável e mutante das línguas humanas, a grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode caminhar sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte feita de concreto, é feita de abstrato [...] o real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas, sujeitas a se precipitar por cachoeiras, a se estreitar entre as montanhas e a se alargar pelas planícies...

Assim, desde que haja compreensão nos enunciados produzidos entre os falantes, todas as normas linguísticas são aceitáveis, pois as mesmas cumprem seu objetivo: a comunicação eficiente entre os indivíduos. No que diz respeito ao apagamento do rótico, (especificamente em coda medial) objeto do nosso estudo, as leituras realizadas que abarcam essa temática, como Callou (2015), nos permitem afirmar que se trata de um fenômeno antigo no PB e que é realizado com frequência entre falantes de extratos sociais diversos. O caráter heterogêneo da língua foi e continua sendo discutido e confirmado pelos linguistas, os quais concluíram que variação e mudança linguística são fenômenos inerentes às línguas, uma vez que podemos encontrar diferentes formas de dizer uma mesma coisa.

Os estudos sobre fenômenos da língua tiveram um avanço significativo no século XX, visto que a língua falada é um “celeiro de variedades e inovações, porque é ela o objeto de comunicação mais imediato do falante” (COSTA 2010, p. 38). Assim, os estudiosos e pesquisadores têm como premissa procurar entender e explicar as diferenças na língua falada pelos diversos grupos sociais. A esse respeito, Costa (2010, p. 39) ressalta que:

ao descrever a língua falada, a Linguística não atua como uma reguladora dos usos da língua, pelo contrário: procura entender e explicar as diferenças existentes na língua falada pelos diversos grupos sociais, considerando esse fenômeno algo extremamente positivo e funcional, pois as diferenças não afetam a comunicação entre os membros da comunidade.

Essa variação é justificada não apenas pelo fator histórico que, necessariamente, faz com que qualquer língua se transforme profundamente (em nosso país, a grande influência dos colonizadores, a miscigenação de povos e conseqüentemente de línguas, são alguns dos fatores), como também pelas diferenças regionais, sociais, grau de escolaridade, sexo e pelas categorias profissionais. A essas diferenças Bagno (2007) dá o nome de variação sociolinguística.

Desse modo, como descreve Bagno (2007, p. 39), a variação linguística pode ser descrita como sendo a transformação da língua, a “espinha dorsal da sociolinguística, fenômeno fascinante, complexo, que apresenta a concepção de língua como um substantivo coletivo” no qual se apoiam, pondo a disposição dos falantes um conjunto de realizações do recurso para o uso da língua.

Assim, através dos estudos feitos para explicar tais variações, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, foram elencados fatores a fim de explicá-las. Calvet (2002) descreve alguns, tais como: 1) relações entre falante e interlocutor, no que tange as relações de poder “hierarquia”, por exemplo; 2) contexto social: as relações em casa, na escola, no trabalho, na igreja, na vizinhança etc; e 3) assunto a ser discutido. Além desses, outros fatores se relacionam quanto às variações, destacando-se nesse sentido os níveis da fala, que são basicamente dois: as variedades prestigiadas X estigmatizadas. A “norma culta”, tida como a prestigiada, aquela a qual resulta do investimento que transformou a língua num veículo de transmissão de uma cultura erudita é uma dessas variedades. Sobre a variedade padrão, Bagno (2007) expõe que:

não faz muito sentido usar termos como variedade padrão, língua padrão, dialeto padrão, porque o padrão não é variedade, nem língua, nem dialeto – para tratar de variedade, língua e dialeto é preciso que existam pessoas de carne e osso falando essa variedade, língua ou dialeto, e ninguém fala (nem escreve) o padrão, nem no máximo grau de monitoramento estilístico. (BAGNO, 2007 p. 131).

A norma culta está diretamente ligada à língua escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. De certo modo, como afirma Bagno (2007, p. 131), tal norma é caracterizada como uma “receita de língua, não é uma língua nem uma variedade real”. Essa talvez seja a razão pela qual quase nunca escrevemos da mesma maneira que falamos ou ao contrário. No entanto, essa noção de “receita” associado a classe social de prestígio foi determinante para que tal norma pudesse exercer total soberania sobre as demais. A outra variedade a que se faz referência é a norma popular, a qual é bastante estigmatizada pelos que dominam a norma culta. Como ressalta Bagno (2007), membros de um meio social com as características da sociedade brasileira, extremamente excludente e injusta na distribuição dos bens sociais, na qual sabemos, que os traços linguísticos próprios das variedades mais estigmatizadas são rejeitados e evitados pelos falantes de outras variedades, sobretudo, pelos que se acham falantes da língua “certa”, estão sujeitos a sofrer o que chamamos de preconceito linguístico. A norma popular, tida como desprestigiada, representa a linguagem do dia a dia, das conversas informais que temos com amigos, familiares, etc. Quanto a essa modalidade da língua, Coelho et al (2015) ressaltam que:

o que a sociedade chama de “erro” na fala das pessoas a Sociolinguística considera tão somente uma questão de inadequação da forma utilizada às expectativas do ouvinte. Essas expectativas, por sua vez, decorrem das imagens que os interlocutores fazem uns dos outros, dos papéis sociais que desempenham e das normas e crenças vigentes na comunidade da fala. O erro na língua falada não é um erro de transgressão de algum sistema de regras da língua, mas uma variedade (em geral, vernacular) que coocorre e concorre com alguma variedade linguística (mais prestigiada ou mais culta) existente na sociedade, É, pois. Um fato social. Nesse caso, o que presenciamos é a transgressão de uma etiqueta linguística, uma espécie de inadequação do uso (COELHO et. al 2015 p. 149).

Em consonância com os autores citados, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que muitos traços fonológicos característicos de variedades populares fazem parte dos estilos informais no repertório verbal dos falantes da língua. Corroborando com a autora, Bagno (2001) também tece considerações sobre a importância da não concepção de erro entre os falantes, mostrando que quando se trata de língua só se pode qualificar como erro aquilo que compromete a comunicação entre os interlocutores.

Desse modo, o discurso preconceituoso de que nós brasileiros não dominamos ou não sabemos falar o português corretamente deve ser desconsiderado, visto que independentemente dos grupos a que pertencem, os indivíduos conseguem construir elocuições e enunciados linguísticos coerentes e possíveis ao sistema estabelecido pela ciência da

linguagem que prima o entendimento entre estes indivíduos, nas diversas situações sociais.

As chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo a fala característica de um determinado grupo, levando em conta as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que são utilizadas. Com essa discussão, busca-se entender, portanto, que cada variedade linguística tem um valor social e deve ser respeitada.

Quanto às variedades, Bagno (2007) destaca cinco principais tipos. São elas: Variações históricas ou diacrônicas: dado o dinamismo que a língua apresenta, ela sofre transformações ao longo do tempo. Contudo, o autor ressalta que “são os falantes, em sociedade, que mudam a língua” (BAGNO, 2007, p. 166).

Variações regionais ou diatópicas: que são as marcas determinantes referentes a diferentes regiões, como as zonas rural e urbana. Na essência da palavra o autor define como sendo “proveniente de/através de/do lugar”. Como exemplo citamos a palavra *tangerina*, que, em certos lugares, recebe outras designações, tais como: *laranja cravo*, *mexerica* ou *pocã*. Nessa modalidade estão inclusos os sotaques, ligados às características orais da linguagem.

As variações sociais ou culturais, também chamadas de diastrática: na essência da etimologia, o adjetivo deriva do latim *stratum* (“camada/estrato”). Esse tipo de variação está diretamente ligado aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução de uma determinada pessoa, comparando o modo de falar entre as diferentes classes sociais. Como exemplo, citamos as gírias, os jargões e o linguajar caipira.

Variação diafásica e diamésica: uma faz referência ao uso/modo de falar que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que confere ao seu comportamento verbal. A outra faz referência à comparação entre língua falada e a língua escrita, usando-as como meio de análise.

Falantes de qualquer língua fazem considerações sobre o uso e a forma como ela se estrutura, ainda que inconscientemente. Como produto da atividade humana, as línguas submetem-se aos diferentes fatores da vida concreta dos homens, da história de cada sociedade em seus menores e singulares detalhes. Sendo assim, caracterizar como erro linguístico o conjunto de possibilidades reais de alocação de determinados grupos no que tange à fala costumeira desses indivíduos é totalmente equivocado, pois cada grupo falante pode possuir uma norma que não é igual a de outros grupos, porém é possível estabelecer o diálogo entre eles. Fundamentando essa hipótese, Costa (2010, p.31) afirma que:

muitos fenômenos linguísticos variáveis, seja no nível fonético-fonológico, morfossintático ou lexical que, muitas vezes, são estigmatizados pela sociedade, não podem ser considerados como erros da língua, já que o seu uso se identifica com o que é normal e habitual em determinado grupo de falantes.

Portanto, todos os falantes fazem inferências a respeito de como se dá a organização da língua. “Qual falante que não se lembra de ter um dia discutido o jeito diferente de falar de uma pessoa que seja de outra região geográfica?” (SILVA, 2012 p. 11). E, debaixo “do guarda-chuva chamado LÍNGUA” (BAGNO, 2007 p. 39), se refugiam múltiplos conjuntos de concretizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes. Essa mudança introduzida pela Sociolinguística ao apresentar a língua como um “substantivo coletivo” possibilita constatar como a variação ocorre nos variados níveis da língua.

Quantas pronúncias diferentes são feitas do /R/ nas palavras carta, porta, sorte e etc., em nossa língua? Essas possibilidades de realização são caracterizadas como variação fonético-fonológico na língua e podem estar atreladas a região em que o falante reside. No entanto, como discorre Calvet (2002 p.80), “não é possível afirmar se essas diferentes realizações são explicáveis por variáveis sociais ou se, ao contrario, permitem estruturar o grupo social”.

Tem-se também a variação morfológica que permite o uso de palavras com o sufixo diferente para expressa a mesma ideia, como em *pegajoso* e *grudento*. Bagno (2007 p.40) ainda define a variação lexical como sendo o uso de palavras diferentes para o mesmo objeto/situação. Exemplo: *almoçar, comer, rangar, pegar a boia*.

A variação sintática permite organizar sintaticamente os elementos de forma diferente, mantendo-se o sentido geral. Exemplo: *uma cerveja que ninguém gostou/ uma cerveja que ninguém gostou dela* ou ainda/ *uma cerveja a qual ninguém gostou*.

Observa se também a variação denominada semântica que está atrelada a origem regional do falante. Assim a pessoa *lutrida* pode ser *traquina* em uma região ou *ousada/audaciosa* em outra.

Desse modo, perceber as relações entre os fatores inerentes à língua é conceber a língua como viva e evolutiva, é aceitar que em qualquer estado real e em uso, coexistem formas em diversos estágios de evolução que podem, ao longo dos anos, extinguirem-se, dando lugar às novas formas variantes. Para que haja mudança linguística é necessário ter havido variação. Esse processo não deve ser visto como mecânico, regular e de curto prazo, pois as mudanças ocorrem lentamente e obedecem a um curso.

A próxima seção dedicar-se-á a explicar como se caracteriza e quais fatores condicionam a variação fonética, visto que como afirma Calvet (2002, p.80), “é a fonética que descreve a pronúncia efetiva de sons da língua”.

### 2.3 VARIAÇÃO FONÉTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A fonética é uma ciência de grande relevância para o estudo de uma língua, quer seja materna ou estrangeira. Na concepção de Silva (2010, p. 23), “é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”, quanto a isso Cagliari informa que:

a fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. (CAGLIARI, 2002 p. 17).

Depreende-se daí que, sendo uma ciência que cuida do aspecto material dos sons da linguagem humana, a fonética tem por objetivo fornecer uma descrição física dos sons da língua, considerando-se que tem uma unidade de estudo, o som, que é o fone, menor segmento discreto perceptível de som em uma corrente da fala (cf. CAGLIARI, 2002 e SILVA, 2012). Desse modo, o fone ou som é tudo aquilo que realizamos ao falar, ao sussurrar ou até mesmo ao gemer. Pode-se constatar dessa maneira que a fonética é uma disciplina presente e viva em nosso cotidiano. Silva (2012) apresenta as áreas de atuação da fonética, caracterizando cada uma delas: Fonética articulatória – a qual compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório; Fonética auditiva – compreende o estudo da percepção da fala; Fonética acústica – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte; Fonética instrumental – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.

Como afirma Camacho (2006), a língua não é homogênea, e todo linguista parte do princípio de que a língua natural humana não é um sistema invariável. Desse modo, um som pode não distinguir palavras num contexto, mas ter um valor distintivo em outro,

estabelecendo assim o valor linguístico da língua. Assim como (FIORIN 2012 p. 33) “os sons podem se distinguir uns dos outros por propriedades que detectamos em cada um deles ou por propriedades que só podemos detectar sintagmaticamente”, nestes fatores estão inclusos o modo de articulação e os articuladores que o produzem. Segundo Cagliari (2002, p. 99) “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”.

Assim entende-se por variação fonética o episódio em que a mesma palavra é pronunciada de forma diferente, por exemplo, quando os falantes de uma região pronunciam *bassoura* por *vassoura*, trocando o fonema /v/ por /b/. Nessa variação, o fonema /b/ está em oposição ao fonema /v/. Sendo assim, a variação no nível fonético-fonológico acontece quando uma palavra é pronunciada de diversos modos, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição/troca de um fonema.

A diversidade linguística é um fenômeno inerente a qualquer língua falada. Essa variabilidade está presente nos diversos níveis da língua. No âmbito fonético-fonológico, essa diversidade é facilmente constatada no português do Brasil, e vários estudos se propõem a mostrar que as principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba, isso porque a vogal é considerada como núcleo silábico, Bortoni-Ricardo (2004) define a sílaba como “uma emissão de voz marcada por um ápice de abrimento articulatório e tensão muscular que na língua portuguesa vem sempre representado através das vogais”, assim a grande incidência de variação se dá pelo fato da consoante seguir o núcleo silábico.

Desse modo, podemos observar as mudanças fonéticas pelas quais está passando nossa língua e como afirmam Botelho e Leite (s.d), esse fato ocorre, sobretudo, na fala dos indivíduos no que diz respeito ao uso linguístico. As palavras consagradas no léxico de alguma forma sofrem transformações fonéticas e são pronunciadas de modo distinto deste. Já que, como afirma Vandresen, (1999 apud COSTA, 2010) as variações fonéticas apresentadas no PB, podem estar atreladas ao fato da formação silábica da língua, a qual possui preferência pelo padrão silábico formado por uma consoante e uma vogal. Corroborando, Costa (2010, p. 69) afirma que:

A consoante localizada em posição final de sílaba está sujeita a uma gama de realizações e possui uma tendência de enfraquecimento e até mesmo apagamento total, em direção à configuração silábica considerada canônica e preferencial no português, o padrão silábico CV (consoante + vogal).

Nessa linha de pesquisas fonético-fonológicas do PB, alguns pesquisadores têm identificado, com regularidade, uma série de variações de certos fenômenos linguísticos, seja em posição pós-vocálica ou em posição final de vocábulos. É o caso, por exemplo, do rótico /r/. Estes acontecem com enorme incidência entre os falantes, inclusive fruto de inúmeras pesquisas realizadas. Elas possibilitaram comprovar que nesse sentido, os róticos, principalmente em posição final, são mais propensos à variação (OLIVEIRA, 2001). A partir da classificação de Silva (2012, pags. 37 e 38) as variantes para os róticos podem se apresentar sob as formas de:

fricativa velar desvozeada [x] ocorre fricção audível na região velar. Ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio e portanto encontra-se em início de palavra: “rata”: em início de sílaba que seja precedido por vogal: “marra” e em início de sílaba que seja precedida por consoante: “Israel”. Em alguns dialetos ocorre em final de sílaba quando seguido por consoante desvozeado: “carta” e em final de sílaba que coincide com final de palavra: “mar”. fricativa glotal desvozeada [h] não ocorre fricção audível no trato vocal. Tepe alveolar [r] uniforme em posição intervocálica e seguindo consoante em todos os dialetos do português brasileiro, podendo ocorrer com articulação alveolar ou denta. Em alguns dialetos ocorre em final de sílaba em meio de palavra: “carta” ou em final de sílaba que coincide com final de palavra: “mar”. A vibrante múltipla [ʀ] pronúncia típica do português europeu e do interior paulista. Ocorre em início de sílaba que seja precedida por silêncio e, portanto encontra-se em início de palavra: “rata”: em início de sílaba que seja precedido por vogal: “marra” e em início de sílaba que seja precedida por consoante: “Israel”. O retroflexo [ʁ] pronúncia típica do dialeto caipira do r em final de sílaba: mar, carta. Fricativa glotal vozeada: não ocorre fricção audível no trato vocal. Ocorre em final de sílaba seguida de consoante vozeada. Fricativa velar vozeada: ocorre fricção audível em região velar. Ocorre em final de sílaba seguida de consoante vozeada. Pronúncia típica do dialeto carioca. O zero fonético [∅], (apagamento). A não realização do r na pronúncia do falante.

A respeito das variantes fonéticas do som de “r”, estas se encontram referidas em um grupo comum denominado róticos. Os róticos formam uma classe de sons com um grande número de diferenças fonéticas e contemplam, no português brasileiro, as produções de tepes, vibrantes, e fricativas, como foi definido anteriormente, constituindo uma classe de sons com diferentes modos de articulação. O impacto causado por tais realizações pode contribuir para a manutenção ou para o desaparecimento de traços linguísticos e, sendo assim, essas questões são sempre atuais e significativas para aqueles que se dedicam ao estudo da variação e/ou mudança linguística, sabe-se que o /R/ pode ser apagado tanto em coda silábica medial quanto final.

Estudos sobre róticos em posição de coda silábica com tendência para a “posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda” também não é preocupação recente, conforme lembram Callou e Leite 1994, 1996.

Esses processos apresentam uma estrutura que é aceita pelos estudiosos, segundo Cagliari, (2002) os mais comuns são: assimilação, desassimilação, inserção ou epêntese, eliminação (ou apagamento, queda, truncamento), comutação ou metátese, enfraquecimento ou redução, fortalecimento, palatalização, labialização, retroflexão, harmonia vocálica, sândi. O estudo que está sendo feito faz parte do processo fonológico de eliminação, uma vez que, em coda medial o rótico pode ocorrer sob apagamento, aspiração ou variante.

### 3 O APAGAMENTO DO RÓTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os estudos sociolinguísticos mostram que os róticos exibem um alto grau de possibilidades de realizações, e/ou não realização (objeto de estudo nesse trabalho). Já as descrições fonéticas ressaltam a grande variabilidade dessa classe de sons. O estudo dos róticos, classe de sons do arquifonema /R/, levanta muitas discussões no âmbito da investigação linguística. Essa seção se propõe a apresentar estudos que tiveram o “erre” e suas possibilidades de realização ou não realização discutidos.

O apagamento do rótico consiste na supressão do /r/ em coda silábica. (cf. Callou e LEITE 1994, BORTONI- RICARDO 2004, COSTA 2010, RIBEIRO 2013). Esses autores descrevem em seus trabalhos que quanto à posição silábica, os segmentos distribuem-se na sílaba a partir de características próprias, como a força articulatória e o grau de sonoridade. É possível perceber que além das características próprias dos segmentos, o contexto precedente é fundamental na estrutura da sílaba. Os segmentos distribuem-se numa escala de força consonantal, para cada segmento há um valor sonoro e a probabilidade de uma estrutura silábica sofrer processo de mudança cresce conforme sua avaliação de valor. Além da variação no modo e no ponto de articulação, esse fonema, /r/, independente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido especialmente nos infinitivos verbais, no futuro do subjuntivo, nos substantivos adjetivos e advérbios polissílabos Callou e Leite (1994) e Bortoni- Ricardo (2004). Quando este é suprimido há uma tendência em alongar a vogal final, dando a esta maior intensidade. Muitos estudos têm comprovado o apagamento do rótico no final de sílabas na língua portuguesa, tanto na língua falada quanto na língua escrita, levando em consideração conjuntura bastante específica como o ponto de articulação, o modo de articulação do contexto antecedente do processo fonológico.

Segundo Costa 2010, no campo de estudos da fonética, algumas pesquisas sociolinguísticas têm contemplado o rótico como foco de análise, pelo fato de este oferecer várias possibilidades de realização.

Silva (2012), diz que os róticos são todos os sons dor “r”, e são assim chamados por terem similaridades acústicas e padrão fonológicos comuns às laterais afirmando que as similaridades entre os róticos devem-se muito mais a razões acústicas ou auditivas do que

articulatórias, pois há uma grande abrangência em relação aos modos e pontos de articulação que envolvem tais segmentos. Callou e Leite (1998, p. 61) dizem que, “o termo rótico é utilizado sem razão fonética, já que os sons do “r” comportam-se de maneira diferenciada por serem produzidos com pontos e modos de articulação diversos”. Em função da variabilidade dos sons dos róticos, da dificuldade apontada pelos estudos fonológicos em precisar quantos e quais são os fonemas róticos em posição intervocálica, e da perda de contraste entre esses sons em posição de coda silábica, o arquifonema /R/ será adotado, neste texto, para representar tal apagamento. Desse modo, por entender que róticos são as diversas possibilidades de uso do /R/ nas palavras, inclusive o seu apagamento, buscamos identificá-los na fala de munícipes amargosenses.

Dentre essas realizações, abordaremos nessa pesquisa o apagamento que é entendido como a não realização desse fonema nas produções entre os falantes. Segundo Cagliari “o apagamento ocorre quando há supressão de um segmento da forma básica de um morfema” (2002 p. 101). Silva (2011) define o apagamento como sinônimo de cancelamento e queda, afirmando que a supressão de consoantes ocorre tipicamente nas bordas das palavras ou em encontros consonantais. O apagamento equivale ao fenômeno de lenição (Processo de mutação consonantal que consiste na transformação de um termo final oclusivo para uma forma mais fraca), ou seja, de enfraquecimento consonantal, em grau máximo.

Esse fenômeno expandiu-se e é na atualidade comum na fala dos vários estratos sociais, correspondendo ao “estágio final de um processo de enfraquecimento que leva a simplificação da estrutura silábica no PB (*R-h-* zero fonético e conseqüentemente CVC- CV)” assim como afirma Callou (2015, p. 48). Após analisar a instabilidade e a canonicidade silábica do português e sua influência na aprendizagem, Callou et.al, (1997) defendem a existência de posições consonantais fortes e fracas na sílaba, sendo a coda considerada como a posição fraca ou instável, passível a um grande número de apagamento na fala.

Em consonância, Mori (2006) afirma que os sons nunca são produzidos no aparelho fonatório num mesmo ponto articulatório, eles podem estar condicionados por determinados contextos fônicos que o circundam. Os estudos feitos permitem afirmar que o apagamento do /R/ em posição de coda é um fenômeno antigo no Português do Brasil o processo foi considerado uma característica dos falares incultos, e no século XVI, este era usado para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente, sendo hoje comum na fala de vários estratos sociais. No entanto, como relata Camacho (2006), apesar da

constatação no que tange a variação da linguagem, as consequências de algumas formas de expressão podem estigmatizar socialmente seus falantes. Durante muito tempo, como afirma Callou (2015), alguns pesquisadores afirmavam que esse apagamento era fruto da fala de pessoas desprestigiadas socialmente, não escolarizadas e incultas, no decorrer dos anos passou-se a considerar que tal apagamento seria obra de uma pronúncia estereotipada, de demarcadores sociais ou até mesmo da simplificação da estrutura silábica do Português Brasileiro que facilita a produção de tal apagamento.

Ao constituir a prioridade da língua falada sobre a escrita, a linguística abriu caminho para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas que têm como foco de análise a língua falada. O esboço cronológico dos estudos sobre o apagamento dos róticos em posição de coda silábica tem os seus primeiros registros com Callou, Moraes e Leite na década de 1970. Os autores em geral, mostram em suas análises de dados, que o fenômeno estudado é condicionado tanto por fatores estruturais quanto por fatores sociais. Atualmente, Callou “considera que o apagamento do R final tem sido considerado um caso de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (2015, p. 51).

Contudo hoje, apesar dos poucos estudos em relação à supressão do /R/ em coda medial na fala, há quase um consenso entre os pesquisadores de que a execução deste fenômeno é algo que está presente em todos os extratos sociais, o que nos permite perceber que estamos diante de uma transformação da visão estigmatizada de “erro” na fala dos que praticam tal fenômeno. Sobre as concepções de “erro” na fala Bagno, ressalta que:

devemos prestar toda a atenção possível ao que está acontecendo no espaço pedagógico em termos de discriminação, desrespeito, humilhação e exclusão por meio da linguagem. É inadmissível, nos dias de hoje, que o modo de falar de uma pessoa continue sendo usado como justificativa para atitudes preconceituosas e humilhantes. (BAGNO, 2007, p. 27).

Com o intuito de analisar um fenômeno fonético-fonológico variável, atestado por diversos pesquisadores envolvendo a pronúncia dos róticos. Essa pesquisa teve como aporte trabalhos que tiveram como objetivo averiguar esse apagamento em corpus de língua falada e escrita, que buscaram atestar o apagamento do /R/ e constataram, basicamente, que a queda desse fenômeno se dá, de maneira geral influenciado por alguns fatores.

### 3.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS SOBRE O RÓTICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

O trabalho dos pesquisadores Dinah Callou, João Moraes e Yonne Leite, que objetivava delimitar áreas dialetais no Português Brasileiro, intitulado *Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real*, tem como intenção focalizar o apagamento do /R/ mostrando o estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil. A fim de verificar se o processo representa uma variação estável ou se há uma mudança em curso, seja a sua implementação, seja a sua recuperação na fala culta do Rio de Janeiro. Para tanto, foram analisados três conjuntos de dados do Projeto NURC, coletados nas décadas 1970 e 1990. Na amostra dos anos 70 foram analisadas 2723 ocorrências de /R/ final e nas dos anos 90. Foram 506 dados para o estudo do recontado e 817 para o estudo da nova amostra.

A observação foi realizada por meio de estudo em painel e um estudo de tendência, os locutores foram estratificados em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos em diante. O primeiro conjunto (66 informantes, 33 do sexo masculino e 33 do feminino) foi gravado no início da década de 70; o segundo, com alguns dos mesmos informantes do *corpus* anterior (10 informantes, 5 do sexo masculino e 5 do feminino) e, o terceiro, uma nova amostra, composta de 18 informantes, 9 do sexo masculino e 9 do feminino, ambos gravados entre 1992-1996. Também foram observados: 1-tamanho do vocábulo, vogal precedente, ponto e modo de articulação do segmento subsequente, pausa subsequente, classe morfológica, item lexical, acento frasal e acento lexical; 2- faixa etária e gênero.

O objetivo era analisar, exclusivamente, o fenômeno na fala carioca, com o intuito de observar o estágio final de enfraquecimento, cuja consequência é a simplificação silábica, o padrão silábico CV (consoante vogal), e de verificar se este processo é uma variação estável

ou se há uma mudança em curso, além de compará-los com a fala de indivíduos de cinco centros urbanos do projeto NURC (Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil). Assim, entre os fatores linguísticos, a classe morfológica foi o primeiro selecionado com maior incidência de apagamento em verbos no infinitivo, e na primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo. Já observando a classe morfológica dos nomes o apagamento é praticamente nulo em monossílabos. Desse modo os pesquisadores descrevem os resultados da seguinte forma: separando os sujeitos da pesquisa por gênero e classes de palavras.

Os autores chegaram aos seguintes resultados: para os homens, houve uma variação estável, em ambos os períodos. Os falantes mais jovens não modificam o seu comportamento dos anos 70 para os anos 90, mas o segundo e terceiro grupos apresentam comportamentos opostos: nos anos 70, o peso relativo decresce da terceira para a segunda faixa etária e aumenta da segunda para a primeira; nos anos 90, há um aumento da terceira para a segunda e uma diminuição da segunda para a primeira.

Uma provável explicação para esse aumento na segunda faixa, segundo os autores, atribui-se ao fato de o apagamento do /R/ não ser mais uma pronúncia estigmatizada, ao menos nos verbos, correspondendo a uma nova norma introduzida na comunidade.

Os autores concluíram ainda que nos não-verbos, os dados indicam uma mudança em curso, a terceira e a segunda faixas etárias apresentando quase o mesmo peso relativo, e uma diminuição no uso da regra de cancelamento, nos falantes mais novos, dos anos 70 para os anos 90. Nos não-verbos, o apagamento nos anos 90 parece ter alcançado o mesmo patamar a que chegaram os verbos.

Para as mulheres, os dados encontrados pelos autores indicam mudança em progresso nos dois casos. Cumpre assinalar, no entanto, que essa regra avançou nas mulheres mais idosas, na década de 90, apenas nos não-verbos.

Comparando os mesmos informantes do sexo masculino em ambos os períodos (através dos estudos expostos em painéis), os autores registraram que se pode verificar a não estabilidade das ocorrências: o comportamento não é o mesmo ao longo da vida do indivíduo, a frequência do apagamento do /R/ continuando a avançar em não-verbos e em verbos, exceto, na última faixa etária, nos verbos.

Concluindo as exposições dos dados, os autores registram que: as mulheres não apresentam o mesmo comportamento em relação as ocorrências. Nos verbos, o apagamento do /R/ diminui da primeira para a segunda e da terceira para a quarta faixa etária. Todavia, ele

aumenta da segunda para a terceira faixa etária. Como ocorre nos não-verbos, não há um comportamento similar entre as mulheres: o apagamento do **R** diminui da primeira para a segunda faixa etária e aumenta da segunda para a terceira. As mulheres idosas, contudo, são estáveis.

Por fim, os autores registram que “o apagamento do /**R**/ final tem sido considerado um caso de mudança que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social”.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses*, Costa (2010) direcionou seus esforços para a relação fala x escrita. A autora foi a campo com o propósito de observar o apagamento do /**R**/ em um grupo de alunos (18 estudantes, com faixa etária entre 08 e 13 anos, a partir do segundo ano do ensino fundamental) de uma escola pública da cidade de Catu, interior da Bahia. Inicialmente a pesquisadora realizou entrevistas com os indivíduos, contudo, essas não foram quantitativamente analisadas, haja vista o apagamento se apresentar categórico na fala dos entrevistados.

Desse modo, foram utilizados testes para observar as variantes que eram o foco do estudo na escrita dos alunos (teste da lacuna e ditado de palavras e frases). Quanto à ocorrência para o rótico em posição medial (fenômeno que nos interessa nesse momento) a autora encontrou 960 dados, sendo que 496 dados foram selecionados pelo programa como favorecedores do apagamento do rótico. O programa utilizado pela autora foi o GOLDVARB, que fez a escolha de seis grupos para serem analisados e descartou três. Costa (2010, p.112) apresenta os fatores apontados pelo programa da seguinte forma: os descartados foram: Tonicidade da sílaba, Tipo de teste, Classe morfológica das palavras. Os grupos selecionados foram: Escolaridade; Gênero; Modo, ponto de articulação e sonoridade do segmento subsequente; Familiaridade com a palavra; Contexto precedente; Extensão da palavra.

A autora verificou, em seus dados, que o fenômeno estudado é condicionado tanto por fatores estruturais quanto por fatores sociais: no primeiro caso, insere-se a variável modo, ponto de articulação e sonoridade do seguimento subsequente, este que a autora aponta como sendo “mais significativo” ressaltando que este foi o primeiro grupo linguístico selecionado pelo programa. Na tabela referente às consoantes, estas são apresentadas não em pares surdos e sonoros ao mesmo tempo, (como foi o caso da nossa pesquisa) mas, a análise de forma individual de cada uma, estando assim classificadas: [s], [z], [f], [ʒ], [v], [n], [k], [t], [d], [b],

[m] expando em seus resultados que “as fricativas alveolares surda e sonora [s], [z] a fricativa labiodental surda [f], a alveopalatal surda [ʃ] em contexto subsequente ao /R/ são claramente as principais favorecedoras do apagamento deste seguimento na posição estudada”. Apontando que a fricativa labiodental [v] não favoreceu a regra de apagamento, quanto as, outras consoantes, a autora registra que não favoreceram o apagamento. Quanto às vogais contexto antecedente- (vogais altas), a autora expõe em sua tabela [a], [e/E], [i], [o/ ɔ ], [u], apontando que em seus estudos a vogal [u] aparece como favorecedora ao fenômeno estudado e a vogal [i] vem logo em seguida. Quanto à extensão da palavra, a autora dividiu em três grupos: dissílabos, trissílabos e polissílabos, sendo o último grupo o favorecedor a regra da supressão do rótico, confirmando, assim, segundo a autora, sua hipótese inicial. O fator escolaridade demonstrou, segundo os dados da autora que quanto maior o nível de escolaridade, menor a realização do apagamento na escrita, observou-se uma grande redução do apagamento na passagem da segunda para a terceira série. No que tange ao grau de familiaridade com o vocábulo (palavras menos ou mais familiares aos alunos) a autora aponta que o mesmo teve peso expressivo em seus resultados, visto que houve uma diferença considerável entre a grafia de palavras do cotidiano dos alunos e as que não faziam parte do seu dia-a-dia e quanto ao gênero os estudos comprovaram o que já se tem conhecimento sobre esse fenômeno e confirmou a hipótese da autora mostrando que as meninas apagam menos que os meninos. Ao fim, a autora sinalizou o papel da escolarização na aquisição do padrão escrito da língua (50% manutenção para o final de verbos e 66% para o final de nomes).

Apesar da presente análise não ter como foco o rótico na escrita, como o prestigiado trabalho ora resenhado, e sim na fala, o mesmo foi de grande valia para essa revisão/fundamentação, pois a autora deixa claro durante o seu trabalho que elaborou entrevistas e que estas lhes ofereceram subsídios que não emitiam dúvidas quanto a realização deste fenômeno na fala que a apreciada autora conseguiu provar que migrava para a escrita dos sujeitos pesquisados.

Ribeiro (2013) descreve em sua dissertação de mestrado intitulada *O apagamento do – r em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?*, a sua intenção em dar prosseguimento aos estudos do comportamento dos róticos em posição de coda silábica à luz da Teoria da Variação e do estudo da sílaba. A pesquisa foi pautada no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística de cunho variacionista, buscando, assim, identificar os contextos linguísticos e sociais que justificam os usos encontrados em relação ao objeto de

estudo.

As variáveis, ou grupos de fatores, foram estabelecidas a partir de estudos realizados anteriormente, cujos *corpora*, única ou majoritariamente, constituem-se com dados de língua escrita, buscando, assim, a delimitação dos fatores preponderantes para o apagamento do segmento consonântico estudado na fala do Português Brasileiro. Deste modo, a variável dependente - apagamento e presença do rótico foram cruzadas com as demais variáveis (independentes – de cunho linguístico e extralinguístico).

Como *corpus* da pesquisa foram utilizadas 192 produções textuais (96 cartas e 96 dissertações), distribuídas equitativamente entre as 06 turmas observadas (03 em escolas da rede pública e 03 em escola da rede particular). Tendo por base, então, a metodologia da Sociolinguística Quantitativa, foram adotadas variáveis linguísticas e sociais para a observância do comportamento do segmento consonantal que era foco do referido estudo.

Para a análise foram elencados fatores e, a partir da observação dos contextos selecionados, pelo programa GOLDVARB X, assim, autora relata que se buscou a frequência das ocorrências encontradas nas 192 redações coletadas, as quais perfizeram um total de 1587 ocorrências, distribuídas nas duas variantes selecionadas, apagamento (13,1%) x manutenção do rótico (86,9%) em posição de coda silábica em final de palavra e logo após se deu a análise dos dados dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos escolhidos.

Após a primeira rodada e exclusão de alguns fatores pelo programa, segundo a autora, os fatores analisados foram: o Contexto precedente, a autora descreve que essa foi a primeira variável selecionada como favorecedora do apagamento na escrita afirmando que foi o segmento vocálico que antecede o rótico, isto é, o núcleo da sílaba em que o rótico ocupa a posição de coda, que a vogal anterior alta demonstrou um maior apagamento do –R, seguida da vogal central baixa e Já o segmento vocálico menos favorecedor da variação foi a vogal posterior. A classe morfológica, como discorre a autora, foi o segundo fator escolhido pelo programa e confirmou a hipótese inicial levantada pela mesma para essa variável, constatando que o cancelamento do segmento em análise seria mais frequente em verbos.

A Rede de ensino foi a terceira a ser escolhida pelo programa e mostrou, após a leitura dos dados, que, como supunha a autora no início do trabalho, os alunos pertencentes à rede pública de ensino demonstram maior recorrência à estratégia de apagamento dos róticos em seus textos, enquanto a escrita dos alunos da rede particular de ensino apresentaram um

índice de apagamento menor em suas produções. A Escolaridade, segundo a autora, demonstrou “um dado social de extrema relevância para a pesquisa: a força da escolarização no processo de aquisição do padrão ortográfico oficial” (RIBEIRO, 2013 p. 82), mostrando que o tempo de estudo interfere nas melhores produções dos alunos, já que os alunos de séries finais produziram menos o apagamento na escrita.

Quanto a extensão do vocábulo a autora afirma que os dados exibidos mostraram-se produtivos para o processo de cancelamento do segmento consonântico em foco nas palavras maiores (trissílabos e polissílabos) ratificando, segundo a autora a confiança de que, quanto menor o vocábulo, maior a manutenção de seus elementos. O contexto subsequente foi a penúltima variável apontada pelo programa e segundo Ribeiro, mostrou que o contexto de pausa favoreceu o apagamento dos róticos, enquanto o segmento vocálico não favoreceu a variante não padrão. A última variável observada pela autora foi o ponto de articulação do segmento subsequente a qual, segundo a autora, sua pesquisa difere das demais em que são utilizados corpora de língua falada, visto que, segundo a mesma de modo geral,

os trabalhos com *corpus* de fala amalgamam as variáveis ponto de articulação, modo de articulação e sonoridade do segmento subsequente. A princípio, tal estratégia foi seguida no presente estudo, contudo, quando amalgamadas (primeiramente com a junção de ponto, modo de articulação e sonoridade; em seguida apenas o ponto e modo de articulação), a variável resultante não foi selecionada pelo programa Goldvarb X, fazendo, assim, necessária uma nova rodada com as três variáveis analisadas separadamente. (RIBEIRO, 2013, p. 87).

Assim, a autora relata que, houve uma pequena alteração com a seleção da variável ponto de articulação. Ela ressalta que as demais variáveis selecionadas e anteriormente expostas não sofreram mudança. E quanto aos dados relativos ao apagamento dos róticos da variável ponto de articulação, foi evidenciado que a influência das consoantes labiodentais no processo de apagamento do –R, seguida das consoantes alveolares, bilabiais favorecem o apagamento. Em posição contrária, desfavorecendo o apagamento, encontram-se as consoantes palatais. Ribeiro encerra sua análise expondo sua inquietação sobre as variáveis

não selecionadas pelo programa afirmando que estudos ainda serão necessários para esclarecer se a não seleção de fatores se deu pela forma em que o corpus foi constituído ou se o fato ocorreu pela “alteração na modalidade da língua, evidenciando, adversamente à proposta inicial da pesquisa, um afastamento dos registros escritos dos orais” (RIBEIRO, 2013, p. 91).

Ao fim da pesquisa, a autora mostrou haver uma indicação de que a escrita continua como instrumento de manutenção dos padrões linguísticos, visto que, a escrita foge, em algumas situações, aos padrões ortográficos e aproxima-se dos usos da fala.

Os trabalhos escolhidos para fundamentar essa revisão, permitiram esclarecer conceitos e conhecer dados sobre os mesmos, que por ora eram desconhecidos. Saliento que apesar do foco desta pesquisa não ser a interferência da fala na escrita, assim com os resenhados, eles são de grande valia, pois alguns tiveram seus CORPUS iniciados a partir de audições/entrevistas, que comprovaram que o apagamento do rótico está presente na fala dos sujeitos envolvidos nos meios sociais. Ao longo da análise de dados tratar-se-à de explicar quais fatores condicionam sua execução na fala de munícipes amargosenses.

## 4- METODOLOGIA

O presente trabalho foi executado sob o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística de cunho variacionista, conhecido também como Sociolinguística Quantitativa. Buscou identificar os contextos linguísticos e sociais que justificam os usos encontrados em relação ao objeto de estudo, visto que o objetivo desta pesquisa é aprofundar o conhecimento da realidade da língua nesta localidade, a cidade de Amargosa-Ba, por meio da identificação de fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno estudado. Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa: a coleta dos dados, a análise destes pelo programa estatístico, a escolha do município e das variáveis dependentes e independentes.

### 4.1- A LOCALIDADE

A cidade escolhida para realização da pesquisa foi Amargosa- BA. Com uma população estimada em 37.557 (censo de 2014) e sua área estimada em: 463,185 Km<sup>2</sup>, a cidade do interior da Bahia. Situada a 235 km da capital do estado. Amargosa está localizada na mesorregião do Centro Sul Baiano, no Vale do Jiquiriçá, e é conhecida como “Cidade Jardim” pela beleza de suas praças e jardins.

Atualmente, sua importância regional se verifica pela sua relevância política (dos núcleos da NRE/ NRS) por ser conhecida internacionalmente pelos festejos juninos e pelo crescimento econômico e educacional, principalmente depois da implantação da escola técnica, o Cetep - Vale do Jiquiriçá, que oferece variados cursos para as pessoas que residem na cidade e na região e do Centro de Formação de Professores da UFRB, em 2006.

Segundo os registros históricos a cidade é originária de tribos indígenas Sapuyás e Kariris e teve seu nome originário de pombas existentes na região (hoje quase extintas). A história de Amargosa, conhecida como a Suíça brasileira, marca um período de apogeu, ainda pouco estudado, e com registros desse momento em que a cidade se destacava enquanto principal pólo regional de economia cafeeicultora. A história do município sinaliza um período de esplendor e de dinâmica regional. A Região de Amargosa, no início do século XX era

conhecida, por ser uma importante agroexportadora baseada na cafeicultura e realização de exposição agropecuárias no Parque de Exposições Jorge Sales. A função de centro regional lhe foi conferida, entre outros fatores, pela posição de entroncamento ferroviário, pois aqui existia uma estrada de ferro ligando a região do semiárido com o litoral. Outro fator importante que é registrado na cidade e o fato de esta ser a sede da diocese de Nossa Senhora do Bom Conselho e sediar o seminário menor na formação sacerdotal.

Hoje tem uma população predominantemente urbana, porém existe um grande número de famílias residentes na zona rural.

Quanto às fontes de renda tem-se o comércio, as indústrias, em sua maioria, são de pequeno porte, com a produção consumida no município e em outros circunvizinhos. O município conta com quatro microusinas de leite em funcionamento e duas torrefações de café; um frigorífico responsável pelo abate de asininos para exportação a países da Europa e China.

As casas de farinha e olarias são de caráter artesanal, existindo mais de trinta casas no município. A pecuária extensiva é a marca do médio e grande produtor. Atualmente, a maioria da população ativa em Amargosa está inserida no setor primário, produzindo na agricultura as culturas de subsistência tendo a mandioca como a mais importante, com ênfase para banana, milho, feijão, fumo e amendoim, que são o sustentáculo da pequena produção. No cacau, café e a cana encontram-se a alternativa da pequena e da média produção. Existe ainda, no município a expectativa quanto a instalação de uma fábrica de calçados que encontra-se em fase de montagem.

#### 4.2 A ENTRADA EM CAMPO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

A entrada em campo ocorreu mediante a apresentação da proposta do trabalho aos informantes escolhidos. Foi feita a apresentação do entrevistador e apresentado a proposta da entrevista, porém sem especificar de que se tratava o fenômeno estudado. Explicamos apenas que os dados fornecidos seriam usados em pesquisa, sem que para isso o entrevistado precisasse ser identificado. Após a autorização dos mesmos para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados, as entrevistas foram gravadas. A ida a campo ocorreu durante o semestre letivo de 2017.1 na zona urbana da cidade de Amargosa. Por fim, foi entregue um termo de consentimento e pedido ao entrevistado que o assinasse permitindo assim o uso dos dados

gravados.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados dados de fala de 08 indivíduos no total. Os informantes têm em comum o fato de serem moradores da cidade de Amargosa e serem jovens (faixa etária entre 20 e 45). Metade dos sujeitos possui ensino superior completo, 02 homens e 02 mulheres, e os outros 04 tiveram em média 4 anos de escolarização, sendo dois de cada gênero. Quanto a essa faixa etária, teve-se o cuidado de agrupar os sujeitos de modo que os do mesmo sexo tivessem idades distintas entre si, mas cada um com idade igual ou aproximada à idade de um sujeito do sexo oposto. Tal seleção certamente contribui para verificar se essas variáveis sociais constituem diferenças significativas no que se refere à frequência da produção de palavras com a supressão do rótico.

#### 4.3 A AMOSTRA X INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Buscando investigar o tema, tanto por meio da abordagem quantitativa, quanto através da abordagem qualitativa tendo como auxílio o programa Goldvarb X, o qual foi fundamental para apresentar os dados necessários para fundamentarem o estudo proposto, foram selecionados cinquenta dados por informante, totalizando quatrocentos dados a ser analisados. Depois de fornecidos e analisados os dados, buscou-se explicar a ocorrência dos fenômenos encontrados associando-os aos processos fonológicos da língua portuguesa, buscando explicar porque em alguns contextos o apagamento era executado e em outros não. Observando quais fatores condicionam o processo estudado e o porquê mesmo entre os escolarizados, o fenômeno acontecia sem que houvesse o estigma como acontece em outros processos de apagamento, acréscimo, troca, enfraquecimento ou fortalecimento. Por isso consideramos que a análise dos dados foi fundamental para desvendar o problema proposto.

Após os resultados encontrados, e, para a observação dos dados levantados dando continuidade ao desenvolvimento do estudo aqui apresentado, foi necessário a escolha de variáveis sociais e/ou linguísticas, que pudessem favorecer ou desfavorecer a análise dos fatores que condicionam o fenômeno estudado. Estas variáveis foram analisadas por meio do programa computacional Goldvarb X. Para tanto, alguns procedimentos metodológicos foram adotados, os quais serão descritos a seguir levando em consideração as seguintes variáveis.

#### 4.4 AS VARIÁVEIS EM ESTUDO

Nesta seção, apresentamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas dependentes e independentes investigadas nesse estudo. A partir do que descreve Lucchesi e Araújo (2017) tem-se o conceito de variável dependente por diferentes formas de usos da língua cuja preferência por uma ou outra depende em estudo ocorre em determinados ambientes. Neste trabalho, entende-se por conceito de apagamento o seguinte:

Fenômeno fonológico em que um segmento consonantal ou vocálico é cancelado. Utiliza-se o símbolo Ø para indicar que houve o cancelamento ou o apagamento da vogal ou da consoante. Apagamento é sinônimo de cancelamento e queda. (...) O apagamento de consoantes ocorre, tipicamente nas bordas das palavras ou em encontros consonantais. Por exemplo, [a'mo] para amor ou ['livu] para livro. O apagamento equivale ao fenômeno de lenição, ou seja, de enfraquecimento consonantal, em grau máximo. (SILVA, 2011, p. 59-60).

Para Silva (2011), os róticos em posição de coda silábica são condicionados pela faixa etária, por fatores sociais, estilísticos e geográficos. Assim, a partir dessas variáveis foram observados os trabalhos de autores já mencionados em que o /R/ pronunciado é classificado como a pronúncia e a sua não realização como apagamento. Assim, no estudo dos róticos em posição de coda silábica medial na fala de munícipes amargosenses, têm-se como variáveis dependentes a pronúncia /R/ ou o apagamento O.

#### 4.5 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Araújo e Lucchesi (2017) definem as variáveis independentes como sendo o uso de uma ou outra variante o qual é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos). Desse modo, tem-se por variáveis independentes o conjunto de fatores que podem influenciar um determinado fenômeno em variação, “o qual orienta a ocorrência das variáveis dependentes” (COSTA 2010 p.95).

#### 4.5.1 Linguísticas

Costa (2010, p.95) afirma que “algumas variações no interior do sistema linguístico são condicionados pelo ambiente estrutural no qual determinadas variáveis se encontram”. Assim, pretendeu-se perceber quais as subordinações de caráter linguístico significativos para o apagamento dos róticos em coda medial silábica na fala dos informantes seriam elencados, visto que alguns processos de variação linguística são condicionados pelo ambiente estrutural em que determinadas variáveis se encontram. Desse modo, nesta etapa da pesquisa, serão listados e explicitados os grupos de fatores internos cujas características repousam no ambiente linguístico. As hipóteses traçadas inicialmente com a escolha dos grupos de fatores era que estes podiam auxiliar em uma melhor análise dos dados, porém ao longo das rodadas feitas pelo programa foi verificado que as mesmas tinham que ser melhor pensadas e modificadas. Os fatores iniciais foram ao que apresentaremos a seguir.

Tonicidade da sílaba em que está a variável; pretendeu-se investigar, se a sílaba onde se encontrava o /R/ influenciava no seu apagamento. Considerou-se a sílaba átona ou tônica. Outro fator escolhido foi a **extensão do vocábulo** (*até duas sílabas ou mais de duas sílabas*), visto que estudos na área atestam para uma maior ocorrência do apagamento em palavras maiores, ficando praticamente nulos em vocábulos menores. (cf CALLOU, MORAES; LEITE (1998), COSTA 2010, RIBEIRO 2013). Em seguida foi escolhido o fator consoantes seguintes o qual pretendeu observar se a consoante seguinte exercia influência no apagamento do /R/, favorecendo sua não execução na fala. A vogal antecedente também foi elencada como fator, com sua escolha a intenção era perceber o nível de influência que as vogais antecedentes exercem no apagamento ou manutenção dos róticos. Visto que como afirma Costa (2010 p.96) “é comum considerar a influência que determinados fonemas exercem sobre outros, quando localizados antes ou depois do elemento em estudo”. A sonoridade da consoante seguinte também foi selecionada como fator, o objetivo era observar se um consoante surda ou sonora ao preceder o fonema em estudo iria interferir em seu apagamento. Por fim, foi selecionado classes do vocábulo (Nomes, verbos, advérbios, determinantes, conjunções). Visto que observou-se nos trabalhos estudados que a classe das palavras é um fator importante para o estudo do /R/. Sendo que os trabalhos analisados apontam uma maior ocorrência em verbos. Vale ressaltar que essa referência é feita no que diz respeito a transferência da fala para a escrita (cf CALLOU, MORAES; LEITE 1998, COSTA 2010, RIBEIRO 2013).

#### 4.5.2. Extralinguísticas

Segundo Araújo e Lucchesi (2017) para uma pesquisa que se fundamente em uma teoria que se volta para o estudo dos processos de variação e mudança linguísticas entrelaçados com os fatores sociais, a análise das variáveis extralinguísticas é de significativa importância.

Assim, nesta etapa do texto, serão relacionados os grupos de fatores sociais utilizados: gênero/sexo, escolaridade e forma de elocução das palavras. A última variável foi excluída, uma vez que não se mostrou necessária ao final para a análise dos dados. Visava observar qual grupo reproduzia em maior escala o apagamento. Esperava-se que este fator não fosse preponderante para o apagamento ou não do fonema em estudo. Uma vez que, como era a hipótese inicial, a não estigmatização fizesse com que os escolarizados vissem com naturalidade tal elocução. Objetivava conduzir o discurso, uma vez que, supunha que as palavras da placa facilitariam a produção da história proposta e interfeririam nos resultados. O que não aconteceu. Este não foi escolhido pelo programa em nenhuma das rodadas da análise quantitativa.

Ao final da quantificação obteve-se 400 dados os quais foram codificados e com o suporte do *software* para realização de estatísticas, buscou-se descrever através de dados com maior precisão fatores que favorecessem comprovar ou não as hipóteses iniciais. Tivemos o auxílio do programa Goldevarb X.

Para este estudo, utilizamos o programa GoldVarb X, que trata-se de uma das versões disponíveis do programa para análise estatística de regras variáveis. Este que é um instrumento de análise desenvolvido para verificar estatisticamente regras variáveis em estudos sociolinguísticos. Este programa analisa o peso que cada variável tem em relação ao fenômeno em estudo, ou seja, observa se há o favorecimento do fenômeno, no caso de nossa pesquisa o apagamento do /R/ em coda silábica medial na fala, influenciado por alguma das variáveis linguísticas e sociais. Guy e Zilles (2007, p. 34) apontam que “[...] seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística”. Esses fatores condicionantes podem ser tanto linguísticos (o efeito, por exemplo, do tipo de sílaba - medial ou final) como extralinguísticos (como o efeito da faixa etária).

Posteriormente e de posse dos dados, foi criado códigos diversos, para cada variável,

já definida para o estudo, que envolviam números, letras ou símbolos. Exemplos: (0APfVe2MQB - (1APnVa2MQX - (0APsVa2MQB - (1APkSa2MQX - (1TDnVa2MQX(1ADkSa3MQB - (1APkSa3MQX - (0TDjSa2MQB (1TDsSu2MQX-(0APsSu2MQX .

Após a análise feita pelo programa através das rodadas, vale salientar que as análises dos dados desta pesquisa foram feitas a partir de várias rodadas realizadas no programa, e só então, observou-se os percentuais e analisou-os a partir da tendência da variável dependente ocorrer em diferentes contextos. Comprovando ou não as hipóteses iniciais do pesquisador. Em uma primeira rodada os dados que obtivemos a partir do GOLDFARB X soaram bastante divergentes em relação aos trabalhos pesquisados e ao que esperávamos. Desse modo foi necessário fazer e refazer uma revisão de dados, bem como uma análise nos fatores para observar os quais estavam causando esse enviesamento e assim retirar-los da análise e refazer as rodadas. E a partir dessas novas testagens foram feitas as análises dos dados de nossa pesquisa. Desconsiderando as palavras da placa e a tonicidade.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Ao término da quantificação conseguiu-se um total de 400 dados, os quais foram analisados partir das rodadas, como são denominadas as análises estatísticas feitas pelo programa. Estas buscam, além das frequências das ocorrências, realizarem as leituras das informações, o cruzamento ou não de todos os grupos de fatores propostos para a pesquisa assinalando os fatores que condicionam e os que não condicionam a pronúncia do /R/. Assim, inicialmente, buscou-se a frequência das ocorrências encontradas nos 400 dados encontrados, distribuídas nas duas variantes selecionadas, apagamento (156) e manutenção (244) do rótico em posição de coda silábica medial das palavras.

Tabela 1 - Dados gerais da pesquisa: manutenção x apagamento do /R/.

<b>Variantes</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Manutenção	244	<b>61</b>
Apagamento	156	39
<b>Total</b>	<b>400</b>	

Tais dados levam a considerar o que expõe Costa (2010), que, em sua dissertação, mostra os números de ocorrências para o rótico em posição interna do vocábulo: dos 960 dados, 496 representam o apagamento nessa posição, tendo a manutenção na maior parte dos dados coletados.

Desse modo, nesta pesquisa, observa-se a partir dos dados da tabela a manutenção desse seguimento na fala dos indivíduos amargosenses com percentuais de 61% para a manutenção e 39% para o apagamento.

A seguir serão apresentados as tabelas as quais expõem os pesos relativos referentes aos fatores escolhidos pelo programa Goldvarb X.

## 5.1 FATORES SELECIONADOS PELO PROGRAMA GOLDVARB X

Após as rodadas os fatores escolhidos pelo programa foram: extensão do vocábulo, consoante seguinte, vogal antecedente, classe de palavras, nenhum fator extralinguístico foi escolhido.

### 5.1.1 Extensão do vocábulo

A primeira variável selecionada como favorecedora do apagamento na fala pelo programa foi a extensão do vocábulo. Os dados exibidos na *Tabela 2* reforçam a hipótese dos pesquisadores de que o apagamento em palavras maiores é bastante produtivo. Para o processo de cancelamento do segmento consonântico em foco nos vocábulos maiores obtivemos com o peso relativo de 0.68 nas palavras com mais de duas sílabas a maior ocorrência de apagamento. Contrariamente, observa-se o comportamento dos vocábulos dissilábicos que apresentaram com o peso relativo de 0.23, ratificando o que afirma os autores dos trabalhos analisados de que, quanto menor o vocábulo, maior a manutenção de seus elementos.

Tabela 2 - Apagamento do /r/ em coda medial na fala segundo a extensão das palavras

Extensão da palavra	Apl. / Total	%	P.R
<b>Mais de duas sílabas</b>	<b>112 / 244</b>	<b>45,9</b>	<b>0,68</b>
Dissílabas	44 / 156	28,2	0,23
Total	156 / 400	39,0	

Input 0.883; Log likelihood = -57.061 Significance = 0.006

A extensão do vocábulo mostrou-se como fator relevante para o processo de apagamento de /R/. Assim como ocorreu nos dados analisados nesta pesquisa os trabalhos de Callou, Moraes; Leite (1998), Costa (2010), Ribeiro (2013) reforçam estes resultados, pois

nos três trabalhos analisados os dados revelaram maior incidência do apagamento em vocábulos trissílabos e polissílabos.

Em consonância ao ilustrado na *Tabela 2*, há, na análise de dados em Callou, Moraes e Leite (1998), uma semelhança nos dados obtidos nesta pesquisa, uma vez que, elas descrevem que o apagamento é praticamente nulo em monossílabos. Em Costa (2010), os resultados também são semelhantes em relação ao comportamento desfavorecedor do apagamento em palavras menores. A autora afirma em sua pesquisa que “os trissílabos e polissílabos favorecem a aplicação da regra da supressão do rótico” (COSTA, 2010, p.121), em conformidade Ribeiro (2013, p. 84) afirma que “mostraram-se produtivos para o processo de cancelamento do segmento consonântico em foco nas palavras trissílabas (37), polissílabas (38) e dissílabas (39)”. Desse modo esse resultado soma-se aos já vistos por outros pesquisadores.

### **5.1.2 Consoante seguinte**

Essa foi a segunda variável escolhida pelo programa Os números que ora são explanados, na *Tabela 3*, indicam como contexto favorecedor do apagamento são as fricativas alveolares com peso relativo 0,79, seguidas da fricativa palatal, com peso relativo 0,62, enquanto as fricativas dentais demonstraram um valor relativo baixo de 0.18 (importante ressaltar que esse foi o fator que gerou vícios e nocaute, sendo necessário ser revisto). Como foi explicado anteriormente.

Tabela 3: Apagamento do /r/ em coda medial na fala segundo o contexto seguinte

Tipo de consoante	Apl. / Total	%	P.R
<b>Fricativa Alveolar</b>	<b>45 / 51</b>	<b>88,2</b>	<b>0,79</b>
Fricativa Palatal	49 / 65	75,4	0,62
Fricativa Dental	61 / 66	92,4	0,18
<b>Total</b>	<b>155 / 182</b>	<b>55,2</b>	

Input 0.883;Log likelihood = -57. Significance = 0.006

Assim, é possível visualizar os comportamentos deste tipo de consoante quanto a parte interna dos vocábulos, visto que, como afirma Costa (2010, p.) “as consoantes fricativas em contexto subsequente ao /R/ são claramente as principais favorecedoras do apagamento deste segmento em posição de coda medial”.

Quanto às consoantes alveolares e as alveolopalatais esta pesquisa obteve resultado semelhante ao de Costa (2010), do mesmo modo a fricativa labiodental não obteve um favorecimento, como era esperado no caso desta pesquisa, tendo um peso relativo baixo. Assim como aconteceu com a fricativa labiodental sonora [v] na pesquisa citada. Vale salientar que os dados analisados pelo programa continham os pares surdos e sonoros de cada consoante, sendo assim não ficou especificado qual consoante surda ou qual consoante sonora favorecia em maior ou menos percentual o apagamento. No par citado acima o valor relativo foi quase insignificante. Assim como em Costa (2010) as demais consoantes não favoreceram a regra do apagamento do segmento. Desse modo, nossos dados comprovaram a hipótese inicial do nosso trabalho de que as consoantes subsequentes influenciam a realização do apagamento em contextos específicos do mesmo modo que pode ser visto nos trabalhos que nortearam essa pesquisa.

### 5.1.3 Vogal antecedente

Existia o interesse em perceber o nível de influência que as vogais precedentes exercem no apagamento ou manutenção dos róticos. A nossa hipótese era de que esse fator exerceria favorecimento na supressão. Assim como nesta pesquisa a vogal antecedente também foi o penúltimo fator selecionado pelo programa em Costa (2010), os resultados se mostraram distintos como no caso da vogal [u] que foi a primeira escolhida no trabalho citado com o peso relativo maior dentre as vogais e nessa pesquisa teve o menor peso relativo [0,02] e em outros momentos os resultados foram parecidos entre. Em nossa pesquisa a vogal que favoreceu a realização do apagamento foi a anterior alta [i], com o peso relativo 0,97, seguida da vogal posterior [o] com o peso relativo 0,94 e da vogal anterior [e] com o peso relativo 0,74 como pode ser visto na tabela.

Tabela 4: Apagamento do /r/ em coda medial na fala segundo o contexto antecedente

Vogais	Apl. / Total	%	P.R
<b>i</b>	<b>03 / 11</b>	<b>27,3</b>	<b>0,97</b>
o	03 / 10	30,0	0,94
e	58 / 71	81,7	0,74
ɔ	01 / 13	07,7	0,67
ɛ	28 / 76	36,8	0,56
ɑ	61 / 213	28,6	0,33
u	02 / 06	33,3	0,02
Total	156 / 400	39,0	

Input 0.883;Log likelihood = -57.061 Significance = 0.006

Tendo consciência da importância e relevância dos estudos anteriores e para uma melhor visualização dos dados, comparou-se as informações a trabalhos similares, no que diz respeito ao comportamento da vogal. Em Costa (2010) a vogal [u] atingiu o maior peso relativo, em nossa pesquisa essa vogal apresentou um peso relativo insignificante, logo em seguida o programa selecionou a vogal [i], assim como no nosso trabalho, sendo que em nossa pesquisa essa foi a primeira a ser selecionada. Já o *corpus* de escrita estudado por Ribeiro (2013) o qual as vogais foram reduzidas a 05 vogais, pois foram amalgamados, os

resultados sinalizam que a vogal anterior alta [i] proporcionou um maior apagamento do -R, seguida da vogal central [a] baixa. Já o segmento vocálico menos favorecedor da variação foi a vogal posterior média [o].

É importante reforçar o que foi dito anteriormente, esse foi o fator que gerou mais inquietação durante a análise. Visto que, foram necessárias inúmeras rodadas para detectar o fator que estava causando viés nesse grupo. E por fim obter os resultados que foram analisados. Ao final das comparações foi possível perceber que os resultados foram similares entre os estudos comparados na análise.

#### 5.1.4 Classe de palavras

Os dados de fenômenos presentes na fala ora apresentados indicam a classe de palavras dos nomes como ambiente favorecedor do processo de apagamento consonantal. Em nossa pesquisa essa classe de palavras apresenta um peso relativo de 0,55, esse foi o último fator escolhido pelo programa, no entanto é possível observar que o mesmo está muito próximo a posição neutra. Tal análise diverge das afirmações de que, esse fenômeno acontece com maior incidência nos verbos. Ressaltando que essa comparação foi feita quanto ao /R/ no que diz respeito a sua transferência da fala para a escrita.

Tabela 5: Apagamento do /r/ em coda medial na fala segundo a classe das palavras

Classe do vocábulo	Apl. / Total	%	P.R
<b>Nome</b>	<b>147 / 348</b>	<b>42,2</b>	<b>0,55</b>
Verbo	08 / 47	17,0	0,29
Determinante	01 / 04	25,0	0,002
Total	156 / 399	39,1	

Input 0.883;Log likelihood = -57.061 Significance = 0.006

Nossa análise, no que se refere à classe gramatical se mostrou divergente dos trabalhos apresentados, uma vez que Callou, Moraes e Leite (1998) e Ribeiro (2013) comungam da ideia de que os verbos demonstram ser um ambiente favorecedor do processo de apagamento consonantal dos róticos. Segundo os autores citados o comportamento constatado na classe dos verbos, dá-se, sobretudo, no infinitivo verbal.

Contudo é importante registrar que os dados usados para fazer a comparação nesta análise são referentes a escrita e, mesmo nesses trabalhos, as análises dos verbos pelo programa tiveram um peso relativo muito próximo a posição neutra.

## ***5.2 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO PROGRAMA GOLDVARB X***

Ao final da análise surgiu a necessidade de pensar no que fazer com os fatores não selecionados pelo programa, uma vez que um desses fatores foi levantado como hipótese inicial.

Desse modo, após a inquirição do que fazer com os grupos de fatores não selecionados, ou seja, com aqueles que, na amostra utilizada, não revelaram comportamento atuante na variação, foco do nosso estudo decidiu-se por apresentá-los, uma vez que, estes também emitem resultados que devem ser considerados, ou para análise posterior ou para constatarmos que realmente não interferem nos resultados.

Fundamentamos nossa ideia de exposição desses fatores no que afirma GUY; ZILLES (2007) onde eles expõem que a falta de valor de uma relação ou efeito é, em si, também uma descoberta, ou seja, também apresentam informações.

De fato, raramente é justificável simplesmente esquecer ou não mencionar resultados sem significância. Em conexão com esse assunto, há dois pontos importantes que o pesquisador deve lembrar: Primeiro, é importante lembrar que a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador [...] Se um pesquisador só apresenta as respostas do tipo sim, e não as respostas do tipo não, acaba deixando várias das perguntas simplesmente sem resposta nos arquivos de ciência, e futuramente pesquisadores não vão saber que tal pergunta já foi investigada. [...] O segundo ponto a lembrar nesses casos é que há vários motivos que determinam um resultado sem significância. (GUY; ZILLES, 2007. p.214/215)

Dessa forma, seguem os grupos de fatores não selecionados pelo programa Goldvarb X no corpus de língua na modalidade fala utilizado nesta pesquisa, um de cunho linguístico e dois de cunho social: Gênero/sexo; Escolaridade; Sonoridade do segmento subsequente.

Nos dados examinados na pesquisa, o primeiro grupo não selecionado é de cunho linguístico, a sonoridade da consoante seguinte. A nossa hipótese para essa exclusão é de que como as consoantes foram analisadas em pares o programa tenha feito a análise e descartado tal fator. O segundo fator não selecionado é de cunho social, gênero/sexo. De um total de 156 vocábulos que apresentaram o apagamento, 67 das produções foram faladas por mulheres e 89 vocábulos foram proferidos por homens, afirmando o que é visto em outros trabalhos, nos quais demonstram que os homens tendem a usar a variante desprestigiada socialmente. Quanto a esse fator, Costa (2010 p.114), afirma que “falantes do sexo feminino tendem a usar mais a variante padrão enquanto os falantes do sexo masculino são mais propícios a utilizarem a variante desprestigiada da língua”.

Quanto ao terceiro fator, a escolaridade, apesar de não selecionado pelo programa foi o que mais respondeu aos nossos questionamentos, pois diferente dos dados obtidos nos trabalhos que investigam o fenômeno na escrita, os quais apontam que o nível de escolaridade é um fator crucial para o não apagamento, a nossa hipótese inicial neste trabalho, no que diz respeito a fala, era de que o nível de escolaridade não seria significativo para o apagamento. Uma vez que, esse fenômeno, na fala especificamente, não é visto como um demarcador de escolaridade. Ao final os dados nos revelaram que dos 156 dados, obtivemos 83 vocábulos proferidos pelos informantes de nível superior e 73 proferidos por informantes com pouca escolarização. O que reforça a nossa hipótese de que por não ser estigmatizado o apagamento na fala na parte interna dos vocábulos acontece tanto entre os não escolarizados quanto entre os falantes de nível superior

## 6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o apagamento do /R/ no interior de vocábulos na fala de moradores da cidade de Amargosa-BA. Para obter o nosso objetivo foram utilizados dados fornecidos por oito informantes através de entrevistas semi dirigidas.

O presente trabalho partiu do pressuposto de que sujeitos escolarizados e não escolarizados produziam, na fala, no interior de vocábulo tal apagamento sem que sejam estigmatizados como seriam se produzissem fenômenos que são classificados como demarcadores sociais.

Essa pesquisa, a qual comprovou a realização do fenômeno estudado almeja contribuir para somar conhecimento a respeito da variação e apresentar que alguns fatores, os quais condicionam o apagamento na escrita não são identificados da mesma forma quando o estudo é transferido para a fala, sobretudo para o interior dos vocábulos, visto que os fatores selecionados pelo programa e os resultados comparativos entre fala e escrita são divergentes.

Os resultados mostraram que, no que diz respeito ao cancelamento do /R/ na fala, alguns fatores linguísticos favorecem o apagamento como a vogal antecedente, extensão do vocábulo e classe da palavra, esta última, diferente dos trabalhos revisados apresentou um resultado divergente, apontando como favorecedor os nomes e não os verbos, assim como acontece na escrita. Os fatores extralinguísticos não foram selecionados pelo programa. No entanto a nossa hipótese inicial, de que a escolaridade não interferia na produção de tal fenômeno foi comprovado, uma vez que esse fator não foi selecionado como condicionante e os dados mostraram percentuais muitíssimos próximos entre os resultados.

Desse modo, como afirma Costa (2010, p. 125) “os resultados de uma pesquisa, longe de serem definitivos, acabam por levantar outras hipóteses e questões a respeito do objeto investigado”, assim cabe ao pesquisador interpretar as informações tanto dos dados considerados significantes, quanto dos dados apontados como insignificantes, mesmo porque como afirmam Guy; Zilles (2007) O pesquisador não deve apresentar as respostas positivas a respeito do tema pesquisado, pois as indagações que não são consideradas satisfatórias também emitem informações, visto que, futuramente pesquisadores não vão saber que tal questão já foi investigada.

Contudo, esse trabalho, que se propôs a estudar o rótico na fala em coda medial, foi

um desafio, uma vez que são pouquíssimos os trabalhos que se debruçam nessa temática. Ao final foi possível concluir que se trata de uma temática muito importante e que deve ser estudada com maiores proporções, visto que oferece possibilidades amplas de análises e novas pesquisas.

Essa pesquisa também nos fez refletir sobre a estratégia de coleta de dados, fato que suscita uma possível hipótese das divergências entre os trabalhos estudados que abordaram o apagamento na escrita. Desta forma, serão repensadas estratégias que não promovam um entrave entre os dados encontrados e os pretendidos a princípio na pesquisa.

A outra reflexão a respeito dos resultados é de que esses podem ser um espelho fiel do fenômeno na fala dos munícipes da comunidade amargoense, revelando que os fatores selecionados refletem a variação do /R/ nessa comunidade com diferenças particulares em relação às comunidades onde aconteceram as pesquisas comparadas.

## REFERÊNCIAS

- Amargosa Cidade Jardim. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/cfp/amargosa-cidade-jardim>. Acesso em: 18 de jun 2016.
- Amargosa. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 de jun 2016.
- ARAÚJO, Silvana. LUCCHESI, Dante. Copyright © 2017. **Projeto Vertentes**. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em 23/08/2017.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial: São Paulo, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O Estatuto do erro na língua oral e na língua escrita**. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2013.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico** - Campinas, SP: Macedo de Letras 2002 (coleção ideias sobre Linguagem).
- \_\_\_\_\_. (orgs) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1/ Fazenda – 6 edição – São Paulo Cortez, 2006.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. **Apagamento do /R/ final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. D.E.L.T.A. vol. 14, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002
- CAMACHO, R. (orgs) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1/ Fazenda – 6 edição – São Paulo Cortez, 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: Tradição e Modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COAN. Márluce, FREITAG Raquel Meister Ko. DOMÍNIOS DE LINGU@ Revista Eletrônica de Linguística <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/about> Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799, acessado em 23/01/2016.
- COELHO. I. L; GORSKI E.M. SOUZA. C.M.N; MAY. G. H. **PARA CONHECER Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COSTA, G. B., **Revista Philologos**, Ano 15, no 45, Rio de Janeiro, CIFEFIL, set/dez2009.
- COSTA, Geisa Borges. **O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses**. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2010.
- FIORIN. José Luiz. (orgs) **Linguística? Que é isso?**. 1. Ed, 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto 2015.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana M. S. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 17, v. 1, p. 97-130, 2006-72.

MARTINS, Marco Antonio. ABRAÇADO. Jussara. (orgs). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo. Contexto, 2015

MUSSALIM, Anna Chistina Bentes. (orgs) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1/ Fazenda – 6 edição – São Paulo Cortez, 2006.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza **O apagamento do -R – em posição de coda silábica**: há influência da fala na escrita discente? Salvador, 2013. 109f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus I. 2013.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios – São Paulo contexto 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007

## APÊNDICES

MARCHA

ESPERTO

CERVEJA

CARGA

PERFEITO

CARBONO

ESPINGARDA

MARCELO

CARPINTEIRO

BARZINHO

SÉRGIO

MARCAR

## ANEXO 1



**Centro de Formação de Professores  
Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras  
Professor: Gredson dos Santos**

*O apagamento do rótico em coda medial na fala de munícipes amargosenses*

**FICHA DO INFORMANTE**

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME:	2. APELIDO:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO:	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:		
7. NATURALIDADE:	8. IDADE COM QUAL CHEGOU À LOCALIDADE (CASO NÃO SEJA NATURAL)	
9. TEMPO E MOTIVO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
10. ESCOLARIDADE:		
11. NATURALIDADE DA MÃE:		
12. NATURALIDADE DO PAI:		
13. TIPO DE ATIVIDADE		
14. ASSISTE TV? A ( ) TODOS OS DIAS B ( ) ÀS VEZES C ( ) NUNCA	15. PROGRAMAS DE TV PREFERIDOS: A ( ) NOVELAS    B ( ) NOTICIÁRIOS    C ( ) FILMES D ( ) ESPORTES    E ( ) RELIGIOSOS C ( ) PROGRAMA DE AUDITÓRIO    F ( ) FILMES	
16. OUVE RÁDIO? A ( ) TODOS OS DIAS B ( ) ÀS VEZES C ( ) NUNCA	17. PROGRAMAS DE RÁDIO PREFERIDOS: A ( ) PROGRAMAS MUSICAIS    B ( ) NOTICIÁRIOS C ( ) ESPORTES    D ( ) RELIGIOSOS	
18. QUE TIPO DE DIVERSÕES COSTUMA PARTICIPAR?		
19. OUTRAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:		

## ANEXO 2



**Centro de Formação de Professores  
Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras  
Professor: Gredson dos Santos**

*O apagamento do rótico em coda medial na fala de municípios amargosenses*

**FICHA DO INFORMANTE  
(para preencher após a entrevista)**

1. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:  TÍMIDO ( )    ESPERTO ( )    PERSPICAZ ( )    SARCÁSTICO ( ) FLUENTE ( )	
2. NATURALIDADE DA ELOCUÇÃO:  TOTAL ( )    BOA ( )    RAZOÁVEL ( )    BAIXA ( )	
3. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE A ENTREVISTA:  COOPERATIVA ( )    NÃO COOPERATIVA ( )    RÍSPIDA ( ) INDIFERENTE ( )	
4. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR  GRANDE ( )    MÉDIO ( )    PEQUENO NENHUM ( )	
5. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:	
6. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DOS CIRCUNSTANTES:	
7. AMBIENTE DA ENTREVISTA:	
8. NOME DOS ENTREVISTADORES: ENTREVISTADOR:	9. LOCAL DA ENTREVISTA
	10. DATA DA ENTREVISTA
	11. DURAÇÃO DA ENTREVISTA:
12. OUTRAS OBSERVAÇÕES	

## ANEXO 3



**Centro de Formação de Professores**

**Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras  
Professor: Gredson dos Santos**

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, maior de idade, estou sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **O apagamento do rótico em coda medial na fala de municípios amargosenses**, coordenada pelo professor Gredson dos Santos. A pesquisa tem como objetivo registrar entrevistas orais gravadas por pessoas naturais da cidade de Amargosa a fim de que possam compor um banco de dados sobre a fala do local.

Minha participação neste estudo consiste: a) na permissão para o/a pesquisador/a gravar uma entrevista com duração de mais ou menos 10 minutos, em que falarei livremente de assuntos de meu interesse e, ao final da entrevista, sobre o que eu penso sobre a minha língua e o modo de falar de minha comunidade.

Com este termo, estou sendo esclarecido/a de que sou livre para participar ou para desistir da pesquisa. A minha participação é voluntária e se eu desistir de participar isso não resultará em qualquer penalidade ou modificação na forma em que sou tratado pela pesquisadora, que, além disso, garante que tratará a minha identidade e meus dados com o devido sigilo.

O estudo não apresenta risco de nenhuma natureza e as entrevistas só serão utilizadas para estudos universitários sobre a língua portuguesa.

O(A) pesquisador(A) garante que a gravação estará à minha disposição e só será guardada após a minha assinatura neste termo. Não autorizo, sem a minha permissão, a liberação, para outra finalidade que não os estudos acadêmicos ou pedagógicos, dos dados e informações gerados pela minha participação na pesquisa.

Assino esse termo em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra ficará comigo.

Fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas diretamente com a pesquisadora. Finalmente, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de 2017

---

Assinatura do entrevistado

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

